

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO É VISTO COMO ESTRATÉGIA PARA REVERTER BAIXO ASTRAL

MALAN SE SENTE SEGURO

Regina Alvarez
Da Equipe do Correio

A crise aguda em que vive o país desde que o governo decidiu desvalorizar o real tem sido repleta de dias D e ontem foi mais um deles. O dólar alcançou a marca simbólica de R\$ 2,00 — ainda que no câmbio paralelo — e, surpreendentemente, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, aparentava tranqüilidade e esbanjou segurança numa entrevista na sede da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Malan tinha seus motivos. Depois de admitir em outra entrevista, no final de semana, ao jornal *O Globo*, que a sua credibilidade fora abalada com a mudança abrupta no regime de câmbio, integrantes de sua equipe viram com certa preocupação, na segunda-feira, o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, anunciar o Programa de Desenvolvimento, sobre o qual não haviam sido consultados. Ficou uma pergunta no ar. O programa significaria a fritura de Malan pelos chamados ministros políticos?

Vários sinais nas últimas horas, vindos do próprio governo, convenceram Malan de que a fritura não existe e que o programa não implicará gastos adicionais, nem a geração de uma política econômica paralela. Teria como objetivo principal reverter expectativas negativas sobre a economia e mostrar que o governo está ativo. Essa constatação deve ter contribuído para melhorar o humor do ministro da Fazenda, como também a conversa com o presidente da República na noite de segunda-feira. Nesse encontro teria ficado claro que não há outra saída possível para o câmbio a não ser a livre flutuação.

Fernando Henrique quis saber mais sobre o sistema de *currency board* (que prevê equivalência entre moeda nacional e o dólar), adotado na Argentina e em Hong Kong, e sobre a centralização do câmbio, defendida por alguns segmentos do empresariado. O presidente teria se

convencido então de que o modelo argentino é inviável e que com a centralização o desastre seria ainda maior, já que implicaria, na prática, moratória da dívida externa.

Malan e sua equipe acham que a desvalorização do real em 30% ou 40% é exagerada e desnecessária. Nenhum economista, mesmo os mais catastróficos como Rudiger Dornbusch, defendia uma desvalorização tão acentuada, argumentam. E baseados nisso continuam a apostar que a cotação do dólar terá que recuar em algum momento, consolidando-se num patamar entre R\$ 1,50 e R\$ 1,60. O comportamento do mercado ontem, quando o dólar chegou a ser cotado a R\$ 1,96 no câmbio comercial e depois recuou para R\$ 1,84, reforça essa tese e serviu para deixar a equipe econômica mais aliviada.

SUCESSO

O depoimento de Chico Lopes no Senado foi considerado bem sucedido e era também motivo de preocupação da equipe. Ele se manteve calmo e foi didático, concluíram assessores do ministro da Fazenda e do BC. Além disso, Malan recebeu uma demonstração de apoio do PSDB. O líder Aécio Neves propôs um almoço em sua homenagem, o ministro achou que o momento não era apropriado, mas ficou mesmo assim satisfeito. Mais um sinal, na avaliação da equipe, de que não haveria fritura.

Se, por um lado, a equipe econômica continua convicta de que está no caminho certo; por outro, tem feito sua autocritica e chegou a algumas conclusões. Uma delas é que o anúncio da mudança do câmbio junto com a saída de Gustavo Franco foi uma operação desastrada. Essa estratégia baseou-se numa avaliação errada de como o mercado reagiria e também foi precipitada pelo fato de a demissão de Franco ter vazado para o mercado. Isso acentuou a saída de dólares do país e forçou a mudança no regime de câmbio. "As duas coisas vinham

sendo articuladas ao mesmo tempo, mas o desfecho não deveria ter sido esse", conta uma fonte do governo.

A equipe baseou-se em parte na experiência da Inglaterra que, em 1992, desvalorizou sua moeda, depois de repetidas promessas do governo de que isso não ocorreria. Naquele país, o ministro que se comprometera com a moeda estável pediu demissão, outro ocupou o seu lugar e a mudança foi feita sem maiores traumas. Aqui, o governo chegou a acreditar que isso também poderia acontecer e que manter Gustavo Franco apenas na transição para o novo regime cambial poderia causar mais incerteza, já que naquela altura até as pedras sabiam que ele seria substituído por Chico Lopes.

A experiência mostrou que em países emergentes como o Brasil o mercado se comporta de forma diferente e por causa disso o próprio Malan teria decidido permanecer no governo. "Ele precisava explicar as mudanças lá fora e isso não foi muito fácil", relata outra fonte. A indicação de Chico Lopes para o Banco Central teria sido mal recebida por alguns setores da comunidade internacional, que passaram a identificá-lo com o grupo desenvolvimentista do governo, liderado pelo ministro da Saúde, José Serra. O próprio Lopes teve que usar seus antigos contatos em Harvard para desfazer esse equívoco.

Um outro fato contribuiu para apressar a saída de Franco do governo. Na semana anterior à sua saída quem estava de malas prontas era o próprio Chico Lopes que, na virada do ano, entregara sua carta de demissão ao Palácio do Planalto, argumentando que não permaneceria no cargo de diretor de Política Monetária. O presidente teria pedido um prazo para Lopes, mas o convite para ocupar a presidência do BC só teria acontecido uma semana depois, quando Lopes comunicou ao Planalto que estava arrumando suas gavetas e não retornaria a Brasília na semana seguinte.

Ronaldo de Oliveira



Malan continua confiante, acha que continuará no governo e que não está sendo fritado pelos ministros da área política